

O MICROFONE DA ELVIRA FERREIRA

Escrevo este primeiro editorial da Revista enquanto presidente da Associação Portuguesa de Horticultura com um enorme sentido de responsabilidade. A vitalidade, o prestígio e o legado da APH, que a 7 de junho celebra 39 anos de história, constituem um comprometimento para os atuais corpos sociais.

Este primeiro editorial é também um primeiro questionar. Uma organização viva, evolutiva, tem de se questionar. O microfone da Elvira Ferreira serve-me de pretexto.

A presidente Elvira Ferreira, que serviu a APH nessa qualidade entre 2009 e 2014, escolheu figurar na galeria dos presidentes da nossa Associação retratada diante de um microfone a dirigir-se ao XXVIII Congresso Internacional de Horticultura. Explicou, com exemplos de momentos dos seus mandatos, o simbolismo do adereço: a voz da APH, dirigida a cientistas, a técnicos, a amadores, à sociedade em geral. A voz da APH que não é senão o eco dessas comunidades de cientistas, de técnicos, de amadores, de consumidores e de utentes de produtos e de amenidades hortícolas.

E a sociedade precisa da voz da APH. O recente mediatismo da agricultura proporciona abundantes exemplos de lugares-comuns e pseudociência instrumentalizada para efeitos de relações públicas com consequências na formação da opinião coletiva. Toda a gente opina - é uma liberdade a defender a todo custo. É tudo uma questão de opinião, o

conhecimento é relativo – um enorme erro ideológico para suportar decisões de negócio e políticas públicas. A agricultura portuguesa possui vantagens comparativas na horticultura (sensu lato). No entanto, as suas enormes fragilidades competitivas escondem-se por trás dos clamores por “dados concretos resultantes da investigação para apresentar aos clientes lá fora” (Expresso, 3/4/2015).

As ciências e as técnicas que suportam a atividade, necessariamente aplicadas, requerem um grau de especialização nos produtos e processos hortícolas que é muito deficiente em Portugal, quando comparado com o das regiões hortícolas de igual potencial a nível mundial.

A nossa Associação tem, pois, um dever: numa representação plural da comunidade hortícola portuguesa dar voz a quem sabe o que se sabe, discutir o que não é consensual, introduzir novos temas na discussão coletiva, problematizar as representações da realidade. A reflexão sobre o papel social da nossa Associação é também a reflexão sobre nossa horticultura e sobre o estado dos nossos conhecimentos.

Apelo, pois, aos sócios da APH para que utilizem a Revista e a mantenham como um instrumento vivo e atual de comunicação e de análise sobre a horticultura portuguesa.

Domingos Almeida
Presidente da APH